

CANTORIAS E DANÇAS PELAS RUAS DO RIO OITOCENTISTA: A MEMÓRIA SOCIAL DO LAZER DOS ESCRAVIZADOS URBANOS

Cláudia Freire Vaz¹

UNIFESO/ UNESA, curso de psicologia. Teresópolis, RJ, Brasil

Ricardo Vieirals de Castro²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: O objetivo deste artigo é investigar a memória social da forma como os escravizados urbanos ocuparam as ruas do Rio de Janeiro, no século XIX. A partir de uma análise iconográfica da pintura “Cena de Carnaval”, de Jean Baptiste Debret, solicitamos aos 198 participantes da pesquisa que intitulassem a imagem que estavam vendo. Utilizando a Teoria da Memória Social como referencial teórico, constatamos uma grande dificuldade dos participantes em entender que a obra retrata uma situação festiva, sendo que somente 20% dos respondentes interpretaram de maneira. Mais de 45% dos estudantes não criou um título e os outros participantes compreenderam que a obra representava uma cena de violência, roubo, trabalho e o desejo de se tornar negro.

Palavras-Chave: Memória social; Esquecimento social; Escravidão urbana; Expressões culturais urbanas.

SINGING AND DANCING THROUGH THE STREETS OF NINETEENTH-CENTURY RIO: THE SOCIAL MEMORY OF LEISURE FOR URBAN SLAVES

¹ Minicurrículo: Possui graduação em psicologia pela Universidade Federal Fluminense (2007), mestrado em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2011) e doutorado em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2016).
E-mail: claudiafreirevaz@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6469-5345>

² Minicurrículo: possui graduação em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1983), graduação em Licenciatura em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1983), graduação e Bacharelado em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1982), mestrado em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1987) e doutorado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1998).
E-mail: ricardovieirals@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0040-8669>

Abstract: The objective of this article is to investigate the social memory of the way in which urban slaves occupied the streets of Rio de Janeiro in the 19th century. Based on an iconographic analysis of the painting “Cena de Carnaval”, by Jean Baptiste Debret, we asked the 198 research participants to title the image they were seeing. Using Social Memory Theory as a theoretical framework, we found that participants had great difficulty in understanding that the work portrayed a festive situation, with only 20% of respondents interpreting it accordingly. More than 45% of the students did not create a title and the other participants understood that the work represented a scene of violence, robbery, work and the desire to become black.

Keywords: Social memory; Social oblivion; Urban slavery; Urban cultural expressions.

CANTAR Y BAILAR POR LAS CALLES DEL RÍO DECIMONÓNICO: LA MEMORIA SOCIAL DEL OCIO DE LOS ESCLAVOS URBANOS

Resumen: El objetivo de este artículo es investigar la memoria social de la forma en que los esclavos urbanos ocuparon las calles de Río de Janeiro, en el siglo XIX. A partir de un análisis iconográfico del cuadro “Cena de carnaval”, de Jean Baptiste Debret, pedimos a los 198 participantes de la investigación que titularon la imagen que estaban viendo. Utilizando la Teoría de la Memoria Social como marco teórico, encontramos que los participantes tenían grandes dificultades para comprender que la obra retrata una situación festiva, y sólo el 20% de los encuestados la interpretaba en consecuencia. Más del 45% de los estudiantes no crearon ningún título y los demás participantes entendieron que la obra representaba un escenario de violencia, robo, trabajo y deseo de volverse negro.

Palabras-clave: Memoria social; Olvido social; Esclavitud urbana; Expresiones culturales urbanas.

CHANTER ET DANSER DANS LES RUES DE RIO AU XIXE SIÈCLE : LA MÉMOIRE SOCIALE DES LOISIRS DES ESCLAVES URBAINS

Résumé: L'objectif de cet article est d'enquêter sur la mémoire sociale de la manière dont les esclaves urbains occupaient les rues de Rio de Janeiro au XIXe siècle. À partir d'une analyse iconographique du tableau “Cena de Carnaval”, de Jean Baptiste Debret, nous avons demandé aux 198 participants à la recherche de donner un titre à l'image qu'ils voyaient. En utilisant la théorie de la mémoire sociale comme cadre théorique, nous avons constaté que les participants avaient de grandes difficultés à comprendre que l'œuvre décrivait une situation festive, avec seulement 20 % des personnes interrogées l'interprétant en conséquence. Plus de 45% des étudiants n'ont pas créé de titre

et les autres participants ont compris que l'œuvre représentait une scène de violence, de vol, de travail et de désir de devenir noir.

Mots-clés: Mémoire sociale; L'oubli social; L'esclavage urbain; Expressions culturelles urbaines.

INTRODUÇÃO

Em 1981, Roberto DaMatta lançou um livro de bastante relevância para a discussão das relações raciais brasileiras. Trata-se de “Relativizando: uma introdução à Antropologia Social”. Nessa obra, o autor aborda a questão da fábula das três raças, a partir da qual é feita a evidente afirmação de que brancos, negros e indígenas são elementos constituintes da formação brasileira. Contudo, tal afirmação não é sinônimo de igualdade racial. Ao contrário, mesmo destacando-se a relevância desses três grupos na formação do Brasil, essa relação se organiza de maneira hierarquizada, dentro de um determinismo biológico que entende os não brancos como intelectualmente inferiores.

Em outro livro clássico, *Casa Grande e Senzala*, Gilberto Freyre (1987) defendia que a contribuição africana, no Brasil, era menor do que a do branco e, a partir dessa lógica hierárquica, no patamar mais baixo, estariam os povos indígenas. Freyre destaca que as grandes contribuições de pessoas negras para a sociedade foram culturais, de técnicas agrícolas, de vestuário e de alimentação. Enquanto isso, a colaboração indígena ocorria de maneira semelhante, através da agricultura, culinária, elaboração de medicamentos naturais, dentre outras práticas ligadas ao passado (SANTOS, 2012).

Mais recentemente, Schwarcz (2019) assinalou que a história brasileira foi escrita com o objetivo de “absorver” as heranças indígenas e etiópicas no Brasil. O naturalista bávaro Karl von Martius escreveu, em 1832, um ensaio que descrevia as heranças brancas, indígenas e africanas como rios, sendo o primeiro grande e volumoso, enquanto o segundo seria um pouco menor e o terceiro seria ainda mais diminuto. Apesar de algumas diferenças sobre a dimensão da contribuição indígena e africana entre as obras de Freyre (1987) e

Schwarcz (2019), é fato irrefutável que a influência europeia, no Brasil, sempre foi sobrevalorizada em detrimento de povos não brancos.

A maneira negligente com a qual as ciências sociais e humanas trataram as influências africanas – aqui nos dedicaremos só a essas – na cultura brasileira, é ponto pacífico. A força dela é tão acachapante que acaba por se infiltrar no tecido social. Tanto a *fábula das três raças* quanto o *mito da democracia racial* têm muita força, pois reverberam fora da academia, estruturando o senso comum. Podemos observar duas consequências disso: a negação do racismo como um problema brasileiro e a confusão entre racialização e racismo. Essa romantização das relações sociais brasileiras se torna uma barreira bastante complexa de ultrapassar, pois qualquer leitura racializada da realidade é fortemente rejeitada. Essa maneira de enxergar as relações raciais no Brasil reflete, diretamente, na maneira como se constroem as memórias sociais sobre questões relativas ao povo negro (BERNARDINO-COSTA, 2002).

Dentro dos inúmeros aspectos que podemos abordar sobre o tema da escravidão urbana, o objetivo desse artigo é apresentar um recorte da tese “A memória social da escravidão urbana no Rio de Janeiro”, realizada no Programa de Pós Graduação em Psicologia Social (PPGPS), da UERJ, em 2016. A autora investigou 198 participantes sobre diversos aspectos da vida de escravos urbanos no Rio de Janeiro: trabalho, moradia, hábitos sociais, religião, entre outros. O objetivo foi averiguar a existência, ou não, de uma memória social sobre a escravidão urbana, tema bastante negligenciado pela historiografia brasileira.

Dentro dos aspectos investigados na tese, iremos focar, neste trabalho, a memória social de festas e lazer de pessoas escravizadas no Rio de Janeiro no século XIX. Tendo como principal objeto de análise a pintura “Carnaval no Brasil” de Jean Baptiste Debret³, iremos apresentar as diferentes interpretações que os/as estudantes fizeram sobre essa imagem e, a partir daí,

³ Importante pintor histórico que veio para o Brasil, em 1817, como componente da Missão Artística Francesa. Sua vasta obra retratou o cotidiano do Rio de Janeiro durante sua estadia na cidade.

investigaremos a presença ou apagamento desta dimensão da memória social da escravidão urbana.

Este artigo irá se dividir em quatro partes: a primeira será caracterizada pelos dados sobre a realização da pesquisa e perfil dos/as participantes; em um segundo momento, iremos aprofundar a teoria da memória social; no momento seguinte, falaremos sobre a metodologia da iconografia. A última seção do artigo terá como foco a própria análise da imagem, a partir do conhecimento da produção realizada pelos participantes da pesquisa e as categorias de análise criadas a partir disso.

TEORIA DA MEMÓRIA SOCIAL

Por que estudar sobre a memória social da escravidão urbana? Por que os estudos já feitos na historiografia sobre escravidão urbana não são suficientes para abordarmos o tema? Le Goff (1992, p. 453) nos ajuda neste debate. O autor assinala que: “a memória é um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reinvocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras, graças à sua semelhança com as passadas”. Em outras palavras, a memória traz o passado para o momento presente e nos permite interpretar e reinterpretar momentos vividos e, a partir disso, o futuro pode ser construído a partir de novas possibilidades.

Quando se fala do país mais negro fora da África e o segundo do mundo, que possui grandes desigualdades raciais entre brancos e negros e uma história criada por uma perspectiva eurocentrada. Resgatar a memória social das pessoas escravizadas do Brasil é uma aposta de mudança ético-política nesse cenário.

O campo da memória social começou a ser fundado a partir de dois intelectuais: Maurice Halbwachs e Frederic C. Bartlett. O primeiro foi um sociólogo francês que, em 1925, lançou o livro *Les cadres sociaux de La*

mémoire; o segundo foi um psicólogo britânico que escreveu o livro *Remembering: a study in experimental and social psychology*, em 1932.

O livro de Halbwachs (1925 [1990]) nos mostra que a memória social não é estática. Pelo contrário, está em processo de constante transformação e se reconstrói de acordo com o contexto social em que o grupo que as cria está vivendo. Ou seja, a memória social não se propõe universal. Pelo contrário, estrutura-se a partir de materiais locais, parciais e contextuais. Já Bartlett defende que os nossos registros não são cópias fidedignas de eventos passados, mas traços de situações vivenciadas denominados como esquemas. São mutáveis e se transformam conforme as exigências do contexto. Assim, entende-se que as memórias são recomposições do passado, que prosseguem ecoando no presente.

Ainda utilizando Bartlett como referencial, Middleton e Brown (2006) nos apresentam, em seu artigo “A psicologia social da experiência - a relevância da memória”, quatro conceitos-chave para a realização deste trabalho: comemoração, convencionalização, objetivação e mediação.

A comemoração é uma maneira de se passar uma mensagem, um legado do passado, não como reprodução, mas a partir de uma releitura, de uma perspectiva que adotamos, enquanto sujeitos sociais. A comemoração busca perpetuar os valores do grupo a partir das memórias, de uma maneira que ele próprio consiga reconhecer como verossímil dentro de sua concepção de mundo.

A convencionalização é um conceito que se dedica a compreender as transformações sofridas pela memória quando um sistema cultural, uma ideia ou um fato histórico é assimilado por um grupo social diferente do seu de origem. Assim, de maneira sutil, as lembranças vão se transformando no momento em que elas são comunicadas. Nessas transformações, é importante ressaltar que os conteúdos que deixam de ser transmitidos são tão relevantes quanto o que é passado.

O conceito de objetivação está relacionado à ligação entre locais e pessoas, às memórias que nós construímos. Muitas das nossas memórias, que

entendemos como extremamente íntimas, são, na verdade, fortemente ligadas às relações que estabelecemos com o mundo em nossa volta. Dessa forma, o que tem de mais peculiar e íntimo em nossas lembranças está relacionado, diretamente, com o mundo externo. Ou seja, elas são objetificadas.

A mediação é um conceito fortemente fundamentado na psicologia sociocultural. A ação humana ocorre com a utilização de ferramentas, independente do sentido literal ou do figurado, como é o caso da linguagem. As ferramentas são responsáveis por intermediar a relação das pessoas com o mundo e nos possibilitam atuar sobre ele. Vale ainda pontuar a existência de recursos mediacionais e que controlá-los é uma maneira de garantir o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, moldando-se a partir das versões oficiais do passado.

Assim como a lembrança, quando estudamos a memória, devemos apreciar o outro lado desse tema: o esquecimento. Neste trabalho, iremos entender o esquecimento social como:

uma construção social compartilhada, que deve ser compreendida sob as relações intersubjetivas que se estabelecem em grupos sociais e em outras esferas da vida social. O esquecimento social só pode ser analisado e definido com base no entendimento dos processos psicossociais. Também, como em Freud, essa espécie de esquecimento deve ser preenchida de sentidos, impedindo-se sua circunscrição ao terreno da falta e da ausência. (CASTRO, 2005, p.116)

Para preencher de sentido esses esquecimentos, utilizou-se o trabalho de Marc Augé (2001). O autor diz que “o que se esquece é o acontecimento já tratado, de algum modo matéria interna; não exterioridade absoluta, mas o produto do primeiro tratamento (a impressão) do qual o esquecimento talvez não seja mais do que a consequência natural” (p.22-23). Observa-se, nesse trecho, que o esquecimento não pode ser separado da memória e está interligado, visto que a construção de qualquer memória possui um caráter seletivo. Dito de outra forma, é preciso realizar uma seleção do material que será narrado e é justamente esse processo seletivo que interessa aos/às estudiosos/as que investigam o esquecimento.

Esse mesmo autor traz uma fórmula interessante, orientadora deste artigo. Segundo ele, “diz-me o que esqueces, dir-te-ei quem és” (Augé, 2001: 24). Ao refletir sobre os esquecimentos sociais de um grupo, buscamos entender quem é esse grupo e qual o processo seletivo utilizado foi selecionado para o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido.

DADOS SOBRE A REALIZAÇÃO DA PESQUISA E PERFIL DOS PARTICIPANTES

As entrevistas foram realizadas entre os meses de setembro e outubro de 2015 em quatro escolas localizadas na região central do Rio de Janeiro: CIEP José Pedro Varela, localizado no bairro da Lapa; Escola Vicente Licínio Cardoso, situada no bairro da Saúde; Escola Municipal Rivadávia Corrêa, que se encontra no bairro do Centro; e Escola Municipal Nilo Peçanha, no bairro de São Cristóvão.

A localização dessas escolas não foi escolhida ao acaso. A região central do Rio de Janeiro era a parte urbana da cidade, durante o século XIX. Além disso, essa região possui estátuas, monumentos e relevância histórica que poderiam fazer desses lugares espaços de memória: O CIEP José Pedro Varela fica localizado em uma das ruas mais antigas da cidade, a rua do Lavradio, que foi aberta em 1770; a Escola Vicente Licínio Cardoso fica a menos de 300 metros da Pedra do Sal⁴; a cabeça de Zumbi⁵, que fica a aproximadamente um quilômetro da escola Rivadávia; e a Escola Municipal Nilo Peçanha fica há 150 metros da Quinta da Boa Vista⁶. Essas escolhas tiveram como objetivo potencializar as chances de encontrarmos memórias sobre a escravidão urbana.

Com relação ao perfil dos participantes, a pesquisa contou com a colaboração de 198 estudantes, entre 13 a 25 anos, que estavam regularmente

⁴ Este era um local de chegada de africanos escravizados, posteriormente se tornou um local de encontro de negros em onde se realizavam batuques, chorinho e samba (CORREA, 2018).

⁵ Esse monumento tem um pedestal de 4 metros de mármore e culmina em uma escultura com a cabeça de Zumbi dos Palmares, com 3 metros de altura.

⁶ Antiga propriedade da família real, foi residência de Dom João VI, Dom Pedro I, Dom Pedro II, e de outras figuras relevantes da Coroa Portuguesa.

matriculados no ensino médio. A maior parte dos participantes da pesquisa tinham idade entre 15 e 17 anos – aproximadamente 90% – enquanto as outras faixas etárias representavam, no máximo, 1,5% dos participantes.

Com relação à autodeclaração racial, 61,5% dos sujeitos disseram ser pretos ou pardos, 26,3% declararam ser brancos e a porcentagem de 0,5% afirmou ser indígena e/ou amarelo. Os outros 10,5% dos participantes optaram por não responder a este questionamento.

Um aspecto fundamental na realização dessa pesquisa foi a investigação da origem dos estudantes, seus pais e avós. Dos respondentes, 80,3% afirmaram ter nascido no Rio de Janeiro, enquanto 5% não sabiam o que dizer e 14,6% não eram naturais da cidade. Com relação aos seus pais, 28,2% afirmaram ter, pelo menos, um dos seus pais nascido no Rio de Janeiro e 25,7% disseram ter, ao menos, um dos avós cariocas. Com relação a pais não cariocas, 63,1% marcaram essa alternativa e a mesma porcentagem de alunos/as afirmou não ter avós nascidos na cidade. O restante dos alunos/as não soube responder.

METODOLOGIA

Nesse artigo decidiu-se utilizar a análise de imagens para a produção de dados sobre memória social. Essa escolha se fez por alguns motivos: o primeiro é que vivemos em uma era hipervisual, como já nos anuncia Weller e Bassalo (2011). Rosa et al (2021) afirmam que 70% dos jovens se mantêm conectados às redes sociais por mais de duas horas, sendo que 70% deles declaram utilizar o Instagram, que se caracteriza por ser, basicamente, constituído por imagens. Dessa maneira, é importante que as ciências sociais e humanas adotem outras formas de acessar a realidade que não sejam a verbal, posto que a imagem também possui um potencial significativo para construção de informações sobre o cotidiano.

Outra razão que fez com que fosse interessante o uso de imagens em metodologias de pesquisas é sua dimensão democrática, visto que ela

consegue alcançar diversos grupos sociais, de uma forma muito diferente, que a palavra não consegue (WELLER e BASSALO, 2011, p.86).

Moscovici (1961 [2012]) é outro autor que aponta para a relevância do estudo de imagens. Em sua obra "Psychanalyse, son image et son publique", o autor investiga a maneira como a psicanálise é representada e compreendida pela população que mora em Paris. Uma das conclusões foi que o processo que constrói representações sociais, a ancoragem e a objetivação, atribui relevância à imagem. Ainda de acordo com o autor, o núcleo figurativo de uma representação social é imagético e também organiza maneiras de viver e pensamentos diários.

Outra intelectual da teoria das representações sociais que também assegura a necessidade de valorizar a imagem na análise do cotidiano é Denise Jodelet. Em seu trabalho, a autora investiga a representação social da loucura, sublinhando que a observância de práticas sociais deve ser feita para além das falas, uma vez que elas podem estar ocultando distintos significados. Assim como a autora, o objeto do nosso trabalho também terá como foco de análise um grupo marginalizado: as pessoas escravizadas. Dessa maneira, é válido se pensar em uma metodologia à luz do que Jodelet nos proporciona.

Carneiro e Manini (2009, p. 388) partem do pressuposto que o processo de leitura, seja ele de imagem ou de texto, acontece em três etapas:

(...) o leitor e sua bagagem de experiências, o texto expresso pelas idéias do autor e o contexto em que está inserido. Ler é relacionar cada texto lido, ou seja, letras, imagens, sons etc. aos textos lidos anteriormente para reconhecê-los, assimilá-los e os significar.

Todavia, a leitura da imagem ou do texto não ocorrerá se a relação entre leitor/a, autor/a e contexto tiver problemas ou se houver um ruído grande na comunicação desses três elementos.

RIO DE JANEIRO: COMO ESCRAVIZADOS OCUPAVAM AS RUAS DA CIDADE?

O centro da cidade era uma região de intensa interação entre as pessoas negras, por meio da qual ocorriam trocas de mercadorias, informações e estratégias de sobrevivência. Acrescenta-se a isso, o fato deste lugar também ser o local no qual ocorriam os momentos de lazer e de descanso, trazendo para cidade uma ambiência mais informal, autônoma e alegre. A maneira intensa como os/as escravizados/as urbanos/as ocupavam a cidade do Rio, tanto para a diversão como para o trabalho, é também um aspecto importante que revela características sobre a escravidão na cidade.

Muitos dos viajantes que passaram pelo Rio de Janeiro no século XIX, relatavam que era um hábito comum que pessoas negras cantassem pelas ruas. Jean-Baptiste Debret (1989) diz que, em locais públicos, como chafarizes e praças, era habitual encontrar pessoas negras cantando músicas que evocassem a “saudade da mãe pátria”. Ressalta, ainda, que outras pessoas, que estavam ao redor, passavam a acompanhar a cantoria. Não somente com a voz, mas a musicalidade dos africanos também compunha a polifonia da cidade a partir de instrumentos musicais. Sela (2006b, p. 216) cita uma passagem do livro *Brasil*, de autoria de Ferdinand Denis⁷, em que o autor diz que: “a banza, o tambor congolês, o monocórdio de Loango soam continuamente nas ruas do Rio de Janeiro”.

Sela (2006a), em outro trabalho, descreve o cenário do Rio oitocentista em que é bastante evidente a presença da cantoria dos escravizados nas ruas do centro da cidade:

A propósito, a tríade – negros/escravos, seus trabalhos pelas ruas da cidade e a cantoria emitida por eles – tornou-se inseparável na maioria dos relatos, compondo, relativamente às primeiras impressões dos viajantes estrangeiros, a tópica mais comum da escravidão na Corte do período (SELA, 2006a, p.151).

Karash (2000) é outra autora que destaca a cantoria de pessoas negras escravizadas no Rio de Janeiro como um componente estruturante do cotidiano citadino. As músicas, por elas cantadas, possuíam diversas temáticas: a saudade da terra natal, o desejo de retornar às origens africanas, a escravidão e seus sofrimentos e canções religiosas. São Benedito era um dos

⁷DENIS, Ferdinand, *Brasil*, Belo Horizonte, São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1980.

principais homenageados, posto que, por ser um santo negro, gozava de bastante popularidade. Adiciona-se a isso, a inclusão de modinhas portuguesas e polcas europeias na composição dos repertórios musicais que ressoavam pela cidade.

Além das músicas, outros sons compunham o que Karasch (2000) chama de “canção da cidade”: um exemplo eram os pregões dos vendedores ambulantes. Através de cantos, melodias ou “anúncios criativos”, eles chamavam a atenção dos transeuntes para as suas mercadorias.

Não só as cantorias que ocupavam as ruas cariocas, mas as danças africanas também eram um elemento muito presente no dia-a-dia da cidade. Souza (2011, p. 72) em sua tese “Visualidade da Escravidão: Representações e práticas de vestuário no cotidiano dos escravos na cidade do Rio de Janeiro oitocentista” nos apresenta a dança africana, no cotidiano do Rio de Janeiro, através do olhar de Arthur Ramos em seu livro “O folclore negro no Brasil”:

(...) no século XIX batuque dizia respeito a uma dança na qual homens e mulheres negros, dispostos em círculo, executavam passos em ritmo marcado com palmas e instrumentos de percussão. No meio do círculo dançarinos e dançarinas se revezavam requebrando e gingando o corpo individualmente. Nas evoluções era comum a umbigada, de origem angolana e chamada de semba, provável origem do samba, que consistia em movimentos pélvicos.

Foi o povo banto que trouxe, para o Brasil, o batuque, que acabou por se tornar a expressão musical e de dança mais estimada entre o povo diaspórico. Tanto em dias comuns como no fim de semana, pessoas escravizadas se reuniam para o batuque. Nessas situações, podiam cantar, se divertir, beber e dançar. A palavra batuque era utilizada para nomear a dança africana que acontecia em fontes de água cariocas antes dos anos de 1850. Sua origem está ligada ao termo batuco, uma dança que chega à cidade através de pessoas escravizadas trazidas de Angola. A autora defende a ideia de que essa dança foi gérmen do atual samba, posto à semelhança dos movimentos, de seus instrumentos e ritmo.

No Rio de Janeiro, era perceptível a cisão da cidade quando o assunto era lazer. A elite se fazia presente em bailes e saraus, enquanto pessoas negras, sejam escravizadas, forros ou livres, tinham em festejos e comemorações populares e religiosas a sua possibilidade de ter alguma diversão. Nessas oportunidades, a música e a dança representavam uma tentativa de sobrevivência subjetiva, de uma existência criativa e para além de uma narrativa de exploração e violência.

A presença da musicalidade e da dança nas ruas cariocas não era, contudo, somente formas de celebração. Na região do cais do Valongo, era habitual ouvir cantorias e observar danças realizadas por *pretos novos* – como eram chamados os escravos recém-chegados da África. Isso ocorria não por desejo dos africanos sequestrados, mas como uma forma de terapia coletiva para evitar adoecimentos (HONORATO, 2008).

As cerimônias fúnebres eram outra situação em que se escutavam cantorias e se realizavam danças. Karasch (2000) relata que estas também eram maneiras de homenagear as pessoas falecidas. O que Debret narrava era que, em ocasiões como enterros e velórios, as pessoas escravizadas creditavam um alto valor simbólico e isso diferenciava os cultos fúnebres de matrizes africanas das cerimônias católicas.

Apesar da aversão da elite a qualquer demonstração cultural realizada por pessoas escravizadas, devido ao seu quantitativo expressivo na cidade⁸, suas atividades foram toleradas a fim de manter a paz social. Marquês de Aguiar, ministro da coroa, em diálogo com o Conde dos Arcos, concluiu que seria impossível coibir todas as formas de diversão das pessoas escravizadas. Dessa maneira, ficou permitida a realização de determinados eventos, de maneira controlada. A partir desse raciocínio, as comunidades africanas e afro-brasileiras foram autorizadas a se reunir no Campo de Santana, aos domingos e dias festivos.

⁸ Entre as décadas de 1820 e 1850, a cidade possuía uma quantidade de escravizados urbanos superior ao Império Romano (2002).

As expressões culturais dos povos diaspóricos não eram exatamente as mesmas que ocorriam em África. O que se presenciou em território brasileiro foi um processo criativo e inovador, em que suas tradições foram reinventadas e resignificadas dentro de um ambiente totalmente distinto do original. Foi necessário fundir-se com os padrões portugueses/cristãos, para que fosse possível algum tipo de expressão cultural pública. Um exemplo dessa mescla entre Europa e África foi a maneira como o entrudo, festa carnavalesca de origem portuguesa, se desenvolveu no Brasil. Essa festa se estruturou a partir da influência dos bailes de máscaras, muito comuns na Itália, tendo a mazurca, a polca e a valsa como os estilos musicais mais frequentes nessa festa. Com relação às brincadeiras que aconteciam durante o entrudo, a mais frequente eram os limões-de-cheiro⁹, em que os foliões atiravam em cima dos outros (ALENCASTRO, 2013). Com o tempo, pessoas escravizadas também passaram a participar desse festejo, tanto pela fabricação dos limões de cheiro, como nas festividades propriamente ditas – como é possível ver na pintura de Debret intitulada *Cena de carnaval*.

ANÁLISE DA IMAGEM

Informações ou falas sobre quais são as demonstrações culturais dos africanos no Brasil, não são difíceis de achar. Na tese “A memória social da escravidão urbana no Rio de Janeiro” isso fica bastante evidente quando se pergunta aos participantes quais “as opções abaixo apresentam alguns termos geralmente associados à presença dos escravos africanos no Rio de Janeiro” (VAZ, 2016, p. 216). Pedia-se que os/as alunos/as marcassem as opções que eles/elas considerassem mais vantajosas. As alternativas apresentadas foram as seguintes: samba, culinária, artesanato, mestiçagem, expressões corporais, religiões afro-brasileira e outras. Dos 198 participantes, 143 responderam

⁹ Era um produto feito com cera, em formato de limão, e em seu interior havia líquidos odoríferos que eram atirados pelas janelas das casas, por pessoas que passavam na rua, no período do carnaval (KREMER e VAZ, 2021).

samba, 127 artesanato, 110 religiões de matriz africana, 106 culinária, 68 mestiçagem, 59 expressão corporal e 13 responderam capoeira. Outras alternativas, citadas pelos respondentes, tiveram uma ocorrência igual ou menor a 5.

Apesar das respostas, o questionamento que fica é se tal conhecimento está ligado ao mito da democracia racial ou se existe uma memória social sobre o cotidiano, sobre o lazer dos escravizados urbanos. A fim de acessar essa memória – ou esquecimento –, decidiu-se não usar somente perguntas diretas, linguagem verbal, mas através da imagem e analisar as interpretações feitas pelos participantes. Dessa forma, utilizamos a pintura *Cena de carnaval*.

Figura 1 - J.B. Debret, *Cena de Carnaval*, 1823.



Nessa imagem, observamos, ao seu centro, um homem negro colocando no rosto de uma mulher negra uma mistura de água com povilho. Em seu entorno, observam-se outras pessoas, também com marcas brancas no rosto e com vários limões de cheiro nas mãos para atirarem em outras pessoas, em um típico dia de entrudo carioca. As brincadeiras carnavalescas ocorrem tanto no primeiro plano da figura, como no segundo. No terceiro plano, em que se observa balcões e varandas, é possível ver grupos atirando objetos em pessoas que estão circulando nas ruas.

Após observarem a cena, solicitamos que os/as estudantes criassem um título para ela. A partir dos títulos criados, foram elaboradas cinco categorias: festa, cena violenta, roubo, trabalho e tornar-se branco. Cada uma dessas categorias foi dividida em outras subcategorias e elas serão apresentadas a seguir.

FESTA

Acredita-se que a categoria festa tem relação com a Representação Social dos africanos. Vaz (2011), em sua dissertação, diz que um dos elementos que compõem o núcleo central da representação social do africano é a alegria. Falas sobre a suposta capacidade de africanos/as lidarem de forma alegre com as adversidades foram encontradas neste trabalho:

A6: "Porque quando aparece os africanos, aparece uma coisa assim, alegre, mais despojados que são ... como eu posso colocar ... uma coisa mais alegre mesmo, de festa, de coisas coloridas, sempre festejando."

A8: "Seria mais a questão de alegria. Que apesar de todas as dificuldades que eles passam, já passaram ainda tem aquela alegria, aquela força de enfrentar aqueles desafios, as dificuldades." (VAZ, 2011, p.114).

Freyre (1987, p. 462), no clássico *Casa-Grande & Senzala*, afirma que:

Foi ainda o negro quem animou a vida doméstica do brasileiro de sua maior alegria. O português, já de si melancólico, deu no Brasil para sorumbático, tristonho; e do caboclo nem se fala, calado, desconfiado,

quase um doente em sua tristeza. Seu contato só fez acentuar a melancolia portuguesa. A risada do negro foi a que quebrou toda essa 'apagada e vil tristeza' que se foi abafando a vida nas casas-grandes.

A categoria festa foi subdividida em outras quatro subcategorias: festa, expressões culturais, afeto e carnaval. A primeira categoria tinha títulos como festa da rua e festa africana; na segunda, encontramos expressões como cultura afro e cultura escrava; a terceira categoria apresentava palavras como liberdade e zoação; e a última tinha títulos como carnaval e samba.

Os títulos que compõem a categoria de "expressões culturais" apresentam, majoritariamente, expressões como "O festival", "seus costumes e cultura" e "cultura escrava". Outro título que foi dado foi "festival de cores", o que não deixa evidente a associação da imagem com a cultura negra. Um título curioso que colocaram foi "A dança do cachorro louco", que traz uma referência do mundo do *funk*, expressão de periferias e das favelas.

A dimensão afetiva traz ideias distintas de amizade, com o título "No meio dos amigos" e uma fusão do período da infância e da vida adulta, com o título "adultos-crianças". Esse título chama atenção pois, em algum nível, também remete ao carnaval, afinal de contas, é comum usarmos a expressão "brincar carnaval", que traz uma dimensão da infância para toda a sociedade, desde as crianças até os idosos. Alguns dos títulos dessa subcategoria vão ao encontro ao que DaMatta (1997) trouxe em seu texto "Carnavais, malandros e heróis", no qual o autor apresenta a ideia de um individualismo igualitário e a possibilidade da manifestação de afetos, os quais não são tolerados, de maneira desregrada, em outros momentos do cotidiano brasileiro. DaMatta (1997) assinala que características estruturantes da sociedade brasileira, como a hierarquia, são invertidas durante os dias de carnaval, posto que, nesses dias, o poder e a autoridade ficariam em suspenso. Relata ainda que a festa possui uma dimensão igualitária e que não existiria "dono".

"Mas, no carnaval, quem é o dono da festa?

Respondendo a esta questão, falamos que 'cada qual brinca como pode', pois "o carnaval é de todos.'

Realmente, essa é a única festa nacional sem um dono." (DA MATTA, 1997 p. 119)

De todos os títulos que foram criados para essa pintura, apenas 40 deles, aproximadamente 20%, apresentaram a ideia de festividade.

CENA VIOLENTA

Dentro desta categoria, elencou-se três subcategorias: contra as mulheres, contra negros e em geral.

As diversas violências sofridas por mulheres escravizadas foram descritas por inúmeros autores. No verbete do dicionário "Mulher escrava, violência contra a", Moura (2004) descreve o caso em que um soldado agride uma mulher negra, escravizada e grávida, com uma arma, cuja consequência foi a perda do bebê. Farias, Xavier e Gomes (2014) dizem que várias mulheres negras foram denunciadas por feitiçaria e acabaram enfrentando a inquisição portuguesa. Como consequência, sofreram agressões por "enfeitiçar" os senhores e os "subjugarem".

Essa ideia de mulheres negras "enfeitiçar" homens não se restringe aos séculos passados. Em um trabalho de pesquisa realizada com prostitutas de baixo meretrício, Castro (1993) faz um levantamento de teses de conclusão do curso de medicina e encontra "justificativas biológicas" que legitimam a "volúpia feminina", sendo essa mais aflorada em mulheres negras.

Na categoria "contra negros", é perceptível um destaque para a cor dos sujeitos. Aqui houve um título evidentemente racista intitulado "a maldade da raça", com forte caráter eugenista, e outro em que fica evidente a relação de poder estabelecida entre as figuras centrais da imagem, com a frase "Vamos, sua escrava".

A categoria "Em geral" apresenta títulos que não fazem relação nem com a questão de gênero e nem com a questão de cor. "Desrespeito", "agressão covarde", "A estupidez", "brigar na rua" foram alguns dos títulos dados pelos participantes.

Nessa categoria, tivemos 20 títulos, aproximadamente 10% dos estudantes que criaram títulos que se encaixavam nessa categoria.

ROUBO

Apesar de o ato de roubar também ser um tipo de violência, separamos a categoria cena violenta de roubo, pois a primeira tem, como foco, a violência física e, a última, tem a violência patrimonial como ponto principal.

Ao intitular essa imagem, os alunos colocaram nome como “Negros roubando negros” e “Quituteira sendo assaltada”. Por essa razão essa categoria foi subdividida em outras duas: entre negros e negros vítimas. A primeira tem como objetivo enfatizar que o roubo foi realizado por um ladrão negro contra uma vítima negra, enquanto o segundo enfatizava a pessoa negra como a vítima do assalto, sem destacar a cor do suposto ladrão.

Associar criminalidade a pessoas negras é um fenômeno visto há bastante tempo. Na obra de Nina Rodrigues (2010), podemos observar suas idéias eugenistas, quando assinala que pessoas negras possuíam tendências biológicas para a criminalidade. Essas concepções permanecem em nosso cotidiano. Lemos (2015) diz que a cultura nacional associa pessoas negras ao banditismo, a partir do discurso e da prática dos agentes de segurança pública quando consideram que “todo preto é bandido” ou quando interpretam que homens negros possuem “elemento cor padrão”. A autora entende que todo esse cenário é resultado do racismo estrutural da sociedade brasileira.

Essa categoria possui apenas seis títulos, ou seja, aproximadamente 3% das respostas dadas pelos estudantes compuseram essa categoria.

TRABALHO

Esta categoria foi subdividida em outras três: comércio, trabalho escravo e trabalhadores.

Quando se analisa os primeiros festejos carnavalescos no Brasil, Alencastro (2013) diz que a participação das pessoas escravizadas se reduzia à produção de limões de cheiro. Enquanto pessoas brancas poderiam utilizar esse período como um momento de lazer, para as escravizadas era uma época de fazer renda e de vender a mercadoria.

Associar um quadro que representa uma “cena de carnaval” a idéia de trabalho é compreensível se adotarmos a perspectiva de Sá (2007), visto que ele assegura que as lembranças sobre o passado estão associadas às informações que temos sobre ele. Um dos meios mais relevantes que temos para obter informações sobre o passado é através da escola. Diversos artigos da área da educação (ORIÁ, 1996; RATTIS, 2006; SILVA & MARTINS, 2011) evidenciam que o material didático é um importante propagador de preconceitos raciais, ao mostrar imagens de pessoas negras somente em condição de escravidão ou em posições subalternas. A dificuldade em interpretar uma cena com pessoas escravizadas, na qual elas não estão trabalhando ou sofrendo algum tipo de violência está ligada às imagens e discursos reducionistas que temos sobre pessoas negras no Brasil.

Com relação aos títulos que falam sobre comércio, eles devem estar associados aos produtos e bandejas que estão à esquerda na pintura e na cabeça da mulher ao centro da imagem. Estas pessoas presentes na pintura se assemelham aos camelôs que são tão freqüentes nas ruas do Rio de Janeiro e que até hoje são, majoritariamente, negros¹⁰.

As categorias trabalhadores e trabalho escravo possuem a seguinte diferença: a primeira estabelece, de forma bastante genérica, que as pessoas na pintura estão realizando uma atividade laboral; na segunda, atribuem às pessoas escravizadas as atividades que estão sendo relacionadas na cena.

Dos 198 participantes dessa pesquisa, 25 deles colocaram títulos que se relacionam ao trabalho, aproximadamente 12% dos estudantes que colaboraram para essa pesquisa.

¹⁰ Em 2022, constatou-se que do total de trabalhadores existentes no mercado informal, 63,9% deles são negros (Zullo e Almeida, 2024). Nesse montante incluem-se os camelôs.

TORNAR-SE BRANCO

Essa categoria tem como foco o homem e a mulher que ocupam a parte central da figura. Ela subdivide-se em: “Por própria decisão” e pela “ação do outro”. Na primeira subcategoria, as pessoas escravizadas decidiriam se tornar brancas como uma estratégia para escapar da escravidão, como o título “Negros se pintam de branco para não serem escravizados” sugere. Aqui, faz-se necessário dialogar com Guedes (2011), quando o autor evidencia que nem todo o ato realizado no período da escravidão deve ser entendido como um tipo de resistência. Um exemplo é a alforria que, em muitas ocasiões, era benéfica para o senhor também e se tornava prerrogativa dele e não da pessoa escravizada, como no caso de escravizados mais velhos, que produziam menos e não fazem os senhores lucrarem tanto. Outra prática comum era uma tentativa de diferenciação de pessoas negras libertas com pessoas escravizadas. Através da estética e outras estratégias, tentava demonstrar que aquela pessoa não era escravizada.

Dentro da subcategoria “Por própria decisão”, se observa títulos referentes à adoção da estética branca, sem nenhuma reflexão sobre a motivação para isso, como no título “Quero ser branca” e “Negros querendo ficar brancos”. Esse desejo de querer “tornar-se branco” é ainda bastante comum, como uma tentativa suavizar características fenotípicas do negro para tentar escapar das discriminações que sofrem. Exemplo disso é o alisamento dos cabelos ou a adoção de um comportamento social estereotipado de pessoas “brancas”, com atitudes autoritárias.

Observa-se também a adoção de um discurso eugenista quando dois alunos intitulam a pintura como “O disfarce da alma”. Lia Vainer Schucman (2014) fala sobre como a branquitude associa a beleza e o caráter à cor da pele e essa lógica justifica esse tipo de título.

“Você acha que isso é característico de branco?” (Lia)

Não todo branco; mas nas atitudes, tanto tem o errado branco como tem o preto. Mas para pensar a maioria, eu acho que nas atitudes os brancos são melhores, nas atitudes, de agir na vida, os brancos são melhores. Pra falar a verdade, num é porque sou branco, mas eu acho que os pretos são mais violentos que os brancos, na minha opinião... São mais violentos em alguma coisa... né. Em maioria, os brancos são mais calmos que as pessoas pretas... (Vinicius)¹¹
(SHUCMAN, 2014, p.91)

Na subcategoria “ação dos outros” observa-se duas ações antagônicas: no título “Pintando o rosto dos negros de branco”, percebe-se um sujeito passivo, enquanto no título “seja branca” é possível aferir que um sujeito oculto impõe práticas e comportamentos ao sujeito negro, rechaçando suas características fenotípicas de negro.

Essa categoria possui 12 títulos, ou seja, aproximadamente 6% dos respondentes criaram títulos que se encaixam nessa categoria.

Por fim, vale apontar um dado curioso. Três respondentes intitularam a cena com a palavra “ovada”. Isso se relaciona à prática de “jogar ovos”, uma prática relativamente comum nas classes populares quando pessoas estão fazendo aniversário. Contudo, não é uma relação tão distante da realidade, posto que atirar objetos uns nos outros era, à época, uma prática carnavalesca recorrente. Limões de cheiro, bolas com água e lança perfume eram bastante frequentes em festas de carnaval.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A lição que Jodelet (2005) nos ensina de que as práticas sociais devem ser investigadas não só a partir da fala é absolutamente necessária para esse trabalho. Se pensarmos que 143 estudantes falam da relevância do samba como uma das contribuições mais relevantes que as pessoas negras deixaram para o Brasil, como somente 20% entenderam que a imagem era uma cena de carnaval?

¹¹ Em seu estudo, a pesquisadora optou por utilizar nomes fictícios

A primeira justificativa para isso parte do que Carneiro e Manini (2009) já nos alertam sobre a necessidade do/a leitor/a, tanto de textos quanto de imagens, terem consumido outros materiais semelhantes para conseguir identificar o que está vendo naquele momento. Em outras palavras, o fato de o carnaval atualmente ser bastante diferente do entrudo, como a extinção da tradição de limões de cheiro, impossibilita a maioria dos respondentes da pesquisa associar a imagem ao carnaval.

Outro ponto que vale destaque, para compreender o resultado, é a origem dos estudantes. Como dito acima, mais de 60% deles não possui nenhum avô nascido no Rio de Janeiro. Isso faz com que a chance de ter havido uma transmissão oral, do cotidiano carioca, seja muito difícil entre esses sujeitos. As mudanças culturais existentes entre o entrudo e o carnaval dificultam muito a interpretação da pintura de Debret.

Compreender a dificuldade em associar a cena ao carnaval ou festa é a primeira etapa para a conclusão deste artigo. A segunda é buscar entender por que outra porcentagem significativa dos estudantes associou essa imagem a um roubo ou uma cena violenta. Schmidt e Mahfoud (1993) nos apontam um caminho. Eles citam Halbwachs e dizem que a lembrança é composta por dois elementos: reconhecimento e reconstrução.

A dimensão do reconhecimento traz uma sensação do já visto e a reconstrução se mostra como uma reapresentação do passado a partir de uma nova perspectiva. Dessa maneira, associar pessoas negras à criminalidade é algo bastante habitual em nossa sociedade. Desde Nina Rodrigues (2010), intelectual do final do século XIX, cuja obra já dizia que pessoas negras possuíam uma maior tendência a criminalidade, até os dados levantados pela Comissão Criminal do CONDEGE (Colégio Nacional dos Defensores Públicos Gerais), em 2021, que afirma que 81% das pessoas absolvidas por reconhecimento fotográfico não confirmado em júízo são negras (SCHIETTI CRUZ, 2022), algo é perceptível: criminalizar cidadão negros é uma prática bastante comum, no Brasil e historicamente construída.

Quando se pensa na reconstrução, é necessário apontar que a idéia de que a escravidão no Brasil foi branda não possui a mesma força de outrora (Nabuco [1883] 2022). Admitir e enfatizar o aspecto violento da experiência da escravidão têm esse lado positivo. Acreditamos que essa seja uma justificativa pela qual tantas pessoas interpretaram a cena central como um ato de violência. Contudo, percebe-se um esvaziamento da complexidade e das artimanhas criadas para que se pudesse viver dentro desse contexto violento. A fim de não romantizar o que foi a escravidão, pode-se ter deixado cair no esquecimento às estratégias para se manter existindo no Brasil. Todavia é fundamental apontar que é necessário tanto termos a dimensão da violência do período escravocrata quanto enaltecer as diversas formas de resistências negras que foram desenvolvidas nessa época.

Os negros escravizados não eram somente pessoas que trabalhavam compulsoriamente, eles também criavam artimanhas e estratégias para lidar com essa violência. Contudo, o fato de tantos sujeitos da pesquisa terem criado títulos que os reduzem a pessoas que trabalhavam mostram um apagamento da capacidade de resistir a toda essa brutalidade. A visão reducionista do processo de escravidão no Brasil, em que não se traz à memória as estratégias de resistências do povo negro, faz com que se pense que a experiência de pessoas escravizadas no Brasil se restrinja unicamente à dimensão laboral.

A categoria “tornar-se branco” talvez seja o momento da pesquisa em que fique mais evidente a dimensão do esquecimento social. A prática de limões de cheiro e a tradição do entrudo ficaram absolutamente no esquecimento, não havendo nenhum respondente da pesquisa citando qualquer um desses dois elementos. Talvez essa seja a categoria na qual esteja mais evidente o “pacto de silêncio em torno ao problema da escravidão”, como nos ensina Hirszman (2011). A autora diz que a descrição de hábitos escravistas era interpretada como um ato antipatriótico ou ingratitude – caso partisse de estrangeiros. Dessa forma, o fato do carnaval atual não ter nada

que se assemelhe a isso, torna praticamente inviável associar tal cena ao carnaval.

Apesar da evidente competência com que foi executado o apagamento da memória da escravidão urbana, terminar esse artigo com uma perspectiva absolutamente pessimista me parece uma inobservância com relação aos aspectos potentes que a teoria da memória social traz. Nos orientando pelas palavras de LeGoff, a memória é “reenvocar as coisas passadas” e as de Bartlett quando associa a memória aos “traços das situações vivenciadas”, o questionamento que trago é se, realmente, só podemos falar sobre esquecimento, quando abordamos o tema da escravidão urbana.

Tanto Sela (2006a) quanto Karash (2000), quando abordam o cotidiano carioca no século XIX nos apresentam elementos ainda presentes na cidade. Sambas tradicionais como da Pedra do Sal, na Praça da Glória ou na Rua do Ouvidor trazem a dimensão de que a cantoria e instrumentos de percussão continuam presentes no dia-a-dia do Rio de Janeiro. Utilizando as expressões “Canções da cidade”, constatamos ainda ser muito presente os “pregões de vendedores ambulantes” em bairros de subúrbios ou em trens da Supervia¹². Esses traços permanecem como característicos da cidade.

Além da manutenção desses aspectos, hoje contamos com redes sociais que democratizaram a disputa de diferentes tipos de narrativas. Cotas raciais em universidades são outro aspecto importante para se pensar nas transformações da memória social, posto que o aumento de pessoas negras na pesquisa permite que outros tipos de conhecimento se produzam e, conseqüentemente, possamos criar outras memórias que ressignifiquem a vida carioca.

A memória social, como um campo de disputa de práticas discursivas, está cada vez mais povoada por diferentes corpos e vivências, tornando-se um terreno profícuo para a criação de memórias discordantes da história oficial.

¹² É a empresa responsável pela operação dos trens na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Lucília de Sá. Revista 'Para Todos...': Uma História de Carnaval. **Tuiuti: Ciência e Cultura** (Online), Curitiba, v. 4, p. 215-232, 2013.

ALENCASTRO, Luiz Felipe. A pena e o pincel. In: STRAUMANN, Patrick (org). **Rio de Janeiro, cidade mestiça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

AUGÉ, Marc. **As formas do esquecimento**. Almada: Íman Edições, 2001.

BARTLETT, Frederic Charles. **Remembering**. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1932.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. "Ação Afirmativa e a Rediscussão do Mito da Democracia Racial no Brasil". **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, p. 247-273, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/3xQ6wKrtF8nn4vWy3wprpp/>. Acessado em: 10/04/2024

CARNEIRO, Liliane Bernardes; MANINI, Miriam Paula. Alfabetização visual-desafio para o profissional da informação no fomento à leitura de imagens de livros infantis. In: Congresso ISKO, 9, 2009, Valencia. **Nuevas perspectivas para la difusión y organización del conocimiento**. Valencia, 2009. v. 1.

CASTRO, Ricardo. Viervalves. Representações Sociais da Prostituição no Rio de Janeiro. In: SPINK, Mary Jane. (Org.). **O Conhecimento no cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CORREA, Marco Aurélio. Pequena África e os cotidianos da resistência: o cinema negro como possibilidades para a lei 10639/03. v. 10, Ed. Especial, **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, maio de 2018, p.109-134. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/418/496> Acessado em: 13/04/2024

DAMATTA, Roberto. "Digressão: a fábula das três raças, ou o problema do racismo à brasileira." In: **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 58-85, p.68-75.

DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Relatório consolidado sobre reconhecimento fotográfico em sede policial**. Disponível em: <https://www.defensoria.rj.def.br/uploads/arquivos/92d976d0d7b44b338a660ec06af008fa.pdf> Acesso em: 12 abril 2024.» <https://www.defensoria.rj.def.br/uploads/arquivos/92d976d0d7b44b338a660ec06af008fa.pdf>. Acessado em: 28/04/2024

FARIAS, Juliana Barreto; XAVIER, Giovana; GOMES, Flavio (orgs). **Mulheres negras no Brasil escravista e pós-emancipação**. São Paulo: Selo Negro, 2014.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987

GUEDES, Roberto. **Dinâmica imperial no antigo regime português**: escravidão, governos, fronteiras, poderes, legados – sec. XVII-XIX. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HIRSZMAN, Maria Lafayette Aureliano. **Entre o Tipo e o Sujeito**: Retratos de Escravos de Christiano Jr. 2011. 215f. Dissertação (Mestrado em artes visuais) – Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

HONORATO, Cláudio de Paula. **Valongo**: O Mercado de Escravos do Rio de Janeiro, 1758-1831. 2006. 166 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006.

JODELET, Denise. **Loucuras e Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. São Paulo: SP: Companhia das Letras, 2000.

KREMER, Natan Schmitz; Vaz, Alexandre Fernandez . Espiridião, o carnaval e uma estética do moderno na Florianópolis de Salim Miguel. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, v. 62, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/37482/29300>. Acessado em: 28/04/2024

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1992. [original dos ensaios: 1987-1982].

LE MOS, Rosalia de Oliveira. POR UM BRASIL PARA CHAMAR DE MEU!. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as(ABPN)**, v. 18, p. 339-370, 2015. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/55/52>. Acessado em: 20/04/2024

MIDDLETON, David.; BROWN, Steven. D. A psicologia social da experiência - a relevância da memória. **Pro-Posições**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 71-97, maio/ago. 2006. Acessado em: 10/02/2015.

MOSCOVICI, Serge. **A Psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOURA, Clóvis. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2005.

NABUCO, Joaquim. **O Abolicionismo**. Porto Alegre: L&PM, [1883] 2022.

ORIÁ, Ricardo. O negro na historiografia didática: imagens, identidades e Representações. **Textos de história**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 154-165, 1996. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27748/23852>. Acessado em: 16/07/2015.

PINHEIRO, Cláudio. C. No governo dos mundos: escravidão, contextos coloniais e administração de populações. **Estudos afro-asiáticos [online]**, Rio de Janeiro, v.24, n.3, p. 425-457, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/4xN9cyBjw9dStr8cbyrm6HC/>. Acessado em: 12/03/2015.

RATTS, Alecsandro J. P.; RODRIGUES, Ana Paula Costa; CIRQUEIRA, Diogo Marçal; VILELA, Benjamim Pereira. Representações da África e da População Negra nos Livros Didáticos de Geografia. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, v.9, p. 45-59, 2007. Disponível em: <https://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/89/85>. Acessado em: 17/04/2024.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

ROSA, Gabriel Artur Marra e; FERREIRA, Jane Farias Chagas ; MAUCH, Ana Gabriela ; ALBUQUERQUE, Fernanda Lima de ; CAMPELO, Gustavo ; MACEDO, Maria Luíza. Percepção de Jovens Brasileiros sobre as Repercussões das Redes Sociais na Subjetividade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa (Brasília. Online)**, v. 37, p. 1-10, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/M7sMfwjCqXdZ7j4RWjN4jdc/>. Acessado em: 21/04/2024

SÁ, Celso Pereira de. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 289-294, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/qZh3Nm9yR4s7TrFGXD3Rvrp/?lang=pt>. Acessado em: 11/08/2014

SANTOS, Raimundo Lima dos. Algumas considerações sobre o negro e o índio no Casa Grande e Senzala de Gilberto Freyre. **Revista Espaço Acadêmico (UEM)**, v. 138, p. 113-120, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/17835/9958>. Acessado em: 20/04/2024.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia. USP [online]**, São Paulo, v.4, n.1-2, p. 285-298, 1993. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771993000100013. Acessado em: 09/04/2024.

SCHIETTI CRUZ, Rogerio. Investigação criminal, reconhecimento de pessoas e erros judiciais: considerações em torno da nova jurisprudência do Superior Tribunal de Justiça. **Revista Brasileira de Direito Processual Penal**, v. 8, n. 2, p. 567-600, mai./ago. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbdpp/a/whtychHSmTnRcbKMDRCbmZpG/abstract/?lang=pt> Acessado em: 28/04/2024.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. **Psicologia & Sociedade (Online)**, v. 26, p. 83-94, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/ZFbbkSv735mbMC5HHCsG3sF/?lang=pt>. Acessado em: 10/03/2024.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. 1ª. Ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2019

SELA, Eneida Maria Mercadante. **Modos de ser em modos de ver: ciência e estética em registros de africanos por viajantes europeus (Rio de Janeiro, ca. 1808-1850)**. 2006a. 317f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006 a.

_____. A África carioca em lentes europeias: corpos, sinais e expressões. **Revista Brasileira de História** [online], São Paulo, v.26, n.52, p.193-225, 2006b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/b9VBmr3bjphvsCqWfKKVd3F/?lang=pt>. Acessado em: 10/11/2016.

SILVA, H. F. P.; MARTINS, Eduardo. As imagens do negro no livro didático de história. **Revista Pitágoras**, Nova Andradina/MS, v. 1, n. 1, p.1 -12, ago./dez. 2011.

SOUZA, Patrícia March. **Visualidade da Escravidão: representações e práticas de vestuário no cotidiano dos escravos na cidade do Rio de Janeiro oitocentista**. 2011. 263 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2011

VAZ, Cláudia Freire. **A memória social da escravidão urbana no Rio de Janeiro**. 2016. 222f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

_____. **A representação social da África e dos africanos**. 2011. 142 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

WELLER, Wivian; BASSALO, Lucelia de Moraes Braga. Imagens: Documentos de visões de mundo. **Sociologias**, Porto Alegre, v.13, n 28, p. 284-314, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/crRYw9qbfMwthQBNysVBzRg/?lang=pt>. Acessado em: 13/04/2024.

ZULLO, GUSTAVO; ALMEIDA, Pedro. Raça, emprego informal e informalização: uma perspectiva histórica do trabalho no Brasil contemporâneo. **Novos Estudos. CEBRAP**, v. 43, p. 205-229, 2024